



Árvores plantadas no campus da Ufal, em Maceió, correspondem a pessoas que morreram de forma violenta no Estado

PROTESTO. Plantio de árvores lembra as vítimas da violência no Estado

## “Bosque da Vida” ganha as primeiras mudas

Manifestantes cobram ação para reduzir índice de homicídios

BLEINE OLIVEIRA  
REPÓRTER

O tempo chuvoso não impediu que dezenas de pessoas se reunissem, ontem, para plantar as primeiras mudas do Bosque em Defesa da Vida, um espaço criado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) para homenagear algumas das milhares de vítimas da violência em

Alagoas. O Bosque da Vida fica dentro do Campus A.C. Simões, na Cidade Universitária, e nele cada árvore plantada pelos familiares lembrará pessoas assassinadas.

No ato que marcou a criação do espaço, as famílias se juntaram e, de mãos dadas, cobraram dos governos providências para conter os altos índices de homicídios em Alagoas. Pais, irmãos, parentes e amigos se deram as mãos num protesto que, pelas declarações, pretende se estender por todo o Estado. “Não podemos ser vencidos, mas a mudança dessa realidade só virá se todos nos envolvermos na luta pelo fim da violência”, propôs a assistente social Maria José da Silva, mãe do jovem Tiago Tierra, morto em fevereiro.

Os manifestantes se juntaram pela manhã, no prédio sede da Reitoria da Ufal, de onde saíram em caminhada até a área es-



A dona de casa Ana Maria Araújo perdeu um filho, assassinado durante uma festa, e reclama que ninguém foi punido pelo crime



Frase

JAMÉRCIA BEZERRA  
VIÚVA DE UM POLICIAL  
FEDERAL MORTO EM  
2011

“Infelizmente, o Estado perdeu o controle da violência. Vivemos uma situação insuportável”

colhida para ser o Bosque em Defesa da Vida. Entre os presentes, estavam familiares do médico José Alfredo Vasco Tenório, morto no Corredor Vera Arruda, no último dia 26 de maio, durante um assalto. Uma chuva fina caiu, mas nenhum dos participantes recuou. Os pingos se misturaram às lágrimas dos que choravam a perda de filhos, irmãos e irmãs, maridos, tios, cunhados e amigos assassinados.

Não somente as lágrimas marcaram a manifestação organizada pelo

Programa Ufal em Defesa da Vida, criado em 2009, diante dos altos índices de

homicídios que já se registravam há cerca de cinco anos. De forma silenciosa, os presentes foram se aproximando uns dos outros, dando-se as mãos até formarem um grande círculo em torno de um grupo de mães que se manifestou cobrando o fim da violência.

“Até hoje, ninguém sabe quem eram aqueles que entraram correndo na festa em que meu filho e uma menina de seis anos foram assassinados. Outras três pessoas ficaram feridas e ninguém foi punido”, reclama a dona de casa Ana Maria Araújo, de 45 anos, moradora do Conjunto Denisson Menezes.

Enquanto falava, a mãe do jovem José Ronaldo Araújo dos Santos, de 16 anos, morto no último sábado, 9, abraçava uma muda de pau-formiga, árvore da mata nativa de Alagoas que plantou para homenagear o filho,

A muda foi uma das dezenas de espécies planta-

das no Bosque da Vida na solenidade de ontem. Para lembrar o marido, o policial federal Eduardo Batista Júnior, de 52 anos, a viúva Jamércia da Silva Bezerra, 35, escolheu uma muda de baobá, árvore considerada sagrada, nativa da África, e que tem sido plantada em vários locais em Alagoas.

O policial foi assassinado em julho do ano passado, atingido por dois tiros na cabeça, numa tentativa de assalto, depois de sacar dinheiro num banco no bairro da Jatiúca. Ele estava no veículo Honda Civic de cor bege e placa MNS-3630/AL quando foi morto. Os acusados são Ronald Bandejas da Silva Júnior, o “China”, de 21 anos, e o menor J.R.B.S., de 15. “Essa iniciativa é muito boa. Ajuda as famílias a suportar a dor. Infelizmente, o Estado perdeu o controle da violência. Vivemos uma situação insuportável”, diz Jamércia Bezerra.

## Manifestante propõe “pacto pela paz”

Missionário e evangelista, o pastor evangélico Wellington Santos, da Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió, foi um dos vários manifestantes a cobrar do Estado uma solução para a onda de violência, especialmente homicídios e assaltos. Ele propôs que os alagoanos se unam num pacto de paz. “Essa terra é linda, mas sangra todos os dias. Temos que nos indignar, mas nos unir”, disse o pastor.

A proposta de um grande pacto por Alagoas incluiu, ressaltou ele, o encontro de classes sociais distintas, como empresários e empregados, pobres e ricos, classe média e periferia. “A violência, que antes ficava nos grotões, chegou até a gente. Não podemos ser vencidos”, argu-

mentou o pastor.

Os manifestantes apontaram o tráfico de drogas como uma das causas do alto índice de criminalidade no Estado, mas ressaltaram que o avanço do crack é provocado pela falta de políticas públicas capazes de criar as oportunidades que os jovens, principalmente na pobreza, não têm, tornando-se “soldados” do crime.

“Não podemos fingir que nada está acontecendo. Todos temos que nos envolver nessa luta, mesmo quem não tem uma morte na família”, defendeu a assistente social Maria José, que é também coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, e que, há três meses, sofre a dor da perda do filho, o

jovem Tiago Tierra. Ele foi morto num duplo homicídio na Praça Padre Cícero, no Benedito Bentes.

Numa carta que encaminhou ao governador do Estado, Teotônio Vilela Filho, e ao prefeito de Maceió, Cícero Almeida, ela afirmou que, na gestão deles, a violência aumentou assustadoramente. Na carta, a mãe ressaltou que os jovens são as maiores vítimas, principalmente os das classes menos favorecidas.

“Quando essas crianças e jovens não estão na escola ou participando de ações esportivas, recreativas ou culturais, o que estão fazendo? Sem a assistência do poder público, são assistidas pelo crime organizado e aprendem a ser traficantes ou assassi-

nos”, ressaltou a assistente social Maria José.

Coordenadora do Programa Ufal em Defesa da Vida e uma das idealizadoras da criação do Bosque, a professora doutora Ruth Vasconcelos disse que o ato de ontem – o 11º contra a violência em Alagoas – busca mostrar que as vítimas não são mera estatística.

“Temos que mostrar que as pessoas assassinadas são muito mais do que esses números”, afirmou a socióloga, propondo uma reflexão sobre “a dor que os números não revelam”, tema do ato de ontem.

Em cada uma das árvores, foram afixadas plaquetas contendo os nomes de todas as vítimas e depoimentos enviados pelos familiares. 80